

**Relações entre Literatura e História: A metaficção
historiográfica de Saramago em *A Jangada de Pedra***

Samira Daura Botelho¹

“[...] será possível conhecer ou representar a história de maneira
exata?
Ou tudo não passa de uma questão de ponto de vista?”
(ESTEVES, 1998, p.125)

RESUMO: As relações entre Literatura e História têm motivado debates desde a Grécia Antiga e até hoje suscitam pesquisas, principalmente no ramo da Teoria Literária. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é demonstrar de que forma o escritor português José Saramago relaciona História e ficção no romance *A Jangada de Pedra*. Para tanto, serão utilizados conceitos a respeito do romance histórico e da metaficção historiográfica.

ABSTRACT: Relations between Literature and History have stimulated debate since Ancient Greece and even today this subject stimulates researchs, especially in the Literary Theory area. Therefore, the aim of this paper is to demonstrate how the Portuguese writer Jose Saramago relates history and fiction in the novel *A Jangada de Pedra*. So, concepts regarding the historical novel and historiographic metafiction were used.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História; Metaficção historiográfica; *A Jangada de Pedra*.

KEYWORDS: Literature and History; historiografic-metafiction; *A Jangada de Pedra*

O escritor português José Saramago é considerado um grande representante da escrita metaficcional. Em muitas de suas obras, ele insere no enredo alguns fatos registrados pela História. Todavia, nas

¹ Aluna regular do Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia; membro do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas - GPEA.

obras saramaguianas, a historiografia não serve apenas como uma contextualização para sua ficção, mais que isso, os acontecimentos históricos utilizados são problematizados ao longo do enredo, levando o leitor a refletir a respeito da História e de seus efeitos no presente.

Assim, o objetivo do presente estudo é demonstrar como Saramago relaciona História e ficção no romance *A Jangada de Pedra*, editado, pela primeira vez, em 1986. Para tanto, é necessário, primeiramente, compreender de que forma as relações entre Literatura e História têm sido apreendidas pela crítica literária. Além disso, também é fundamental pesquisar as diferenças entre o romance histórico paradigmático e o novo romance histórico. Depois dessas análises é que será estudada a obra *A jangada de Pedra* sob a luz das teorias da metaficção historiográfica.

A distinção entre Literatura e História tem sido objeto de debate desde a Grécia Antiga e, ao longo tempo, tem suscitado diferentes compreensões entre os estudiosos desse ramo. De acordo com Aristóteles (1966), por exemplo, o que diferencia a atividade do historiador e a do ficcionista é o fato de que o primeiro narra o que aconteceu, enquanto o segundo representa o que poderia acontecer. Hegel (1964), por sua vez, afirma que esses dois ofícios se distinguem em termos de criação, pois o primeiro deve apenas organizar os fatos em um texto escrito, sem qualquer forma de interferência, enquanto o segundo pode interferir no acontecimento a ser narrado.

Além das compreensões derivadas desses dois grandes pensadores, muitas outras surgiram à medida que a discussão acerca da relação entre História e Literatura ganhou espaço tanto na crítica literária quanto na historiográfica. Dessa forma, há, ainda, quem acredite que a História corresponde à verdade dos fatos, ao passo que a ficção é meramente uma invenção. Obviamente, existem muitas pessoas que discordam disso, refutando a ideia de considerar a História como uma ciência plenamente objetiva, uma vez que ela também corresponde a um discurso, escrito conforme um determinado ponto de vista.

Márcia Valéria Zamboni Gobbi, em seu texto intitulado *Relações entre Ficção e História*: uma breve revisão teórica, explica que História e Literatura não devem ser concebidas como duas realidades paralelas, mas sim como instâncias dialeticamente integradas:

História e literatura apresentam-se não como duas realidades paralelas e, portanto, dissociadas [...] Mais que isso, toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo.

Nessa perspectiva em que ambas as instâncias aparecem como dialeticamente integradas, acentuando a possibilidade de assimilação da obra literária ao contexto histórico em que ela se produziu, as relações entre história e ficção parecem mesmo constituir um dado inalienável ao próprio fazer artístico, que corresponderia, portanto, à configuração estética do mundo: por meio de instrumentos expressivos adequados, o escritor cria um sistema simbólico de representação da realidade (GOBBI, 2004, p.37).

Nesse contexto, é importante ressaltar que não interessa ao presente estudo questionar a veracidade do discurso historiográfico nem qualificar as atividades do historiador e do ficcionista, como se uma fosse superior à outra. O que não se pode negar é o fato de ambas corresponderem a discursos elaborados por um narrador – seja pelo historiador, seja pelo escritor literário – e que tanto o discurso historiográfico se apropria de artifícios literários na constituição de seus textos, quanto a Literatura se vale de relatos da História para a construção da ficção. Assim, nota-se que existe uma relação entre essas duas áreas, relação esta que merece destaque na crítica literária, principalmente no que diz respeito aos estudos ligados ao romance.

Nesse sentido, é importante analisar os fundamentos teóricos do romance histórico – modalidade narrativa ficcional cujo enredo apresenta como pano de fundo um ambiente histórico. Maria Tereza de Freitas aponta que:

Os limites entre a representação e a criação sendo tênues, História e Romance frequentemente se

confundem, e a fragilidade de fronteira entre esses dois instrumentos de conhecimento do homem coloca alguns problemas que merecem estudos. (FREITAS, 1989, p.109)

A autora afirma que, desde o surgimento do gênero denominado “romance”, em fins da Idade Média, já existia uma apropriação da matéria histórica. Todavia, de modo geral, a crítica literária concorda que o romance histórico paradigmático teve seu início no século XIX, com o escritor inglês Walter Scott.

Um primeiro modelo de romance histórico paradigmático foi teorizado por Georg Lukács em sua obra *La novela histórica* (1966), a primeira a abordar o assunto, escrita em 1937 e publicada, na Alemanha, em 1955. Segundo Rejane Cristina Rocha (2006, p.53), Lukács descreve o romance histórico como sendo o efeito de um período muito conturbado, social e economicamente, para os países europeus entre 1789 e 1814.

O romance scottiano, de onde Lukács cria o paradigma de romance histórico, assimila uma interiorização da História, a fim de que um determinado período histórico seja representado artisticamente e com bastante fidelidade aos relatos historiográficos. O gênero constitui-se como uma narrativa que toma uma realidade qualquer do universo histórico – um momento, um fato, uma situação, uma personagem – e a transforma em sua própria matéria, fazendo do acontecimento histórico uma realidade estética.

Dessa forma, compreende-se que o romance histórico paradigmático, conforme o modelo scottiano, fundamenta-se em fatos registrados como reais pela História, e a trama fictícia pode ocupar o primeiro plano, já que o passado histórico registrado apresenta-se como pano de fundo para o enredo. Portanto, entrelaçam-se História e ficção em um texto que descreve a transformação da vida de uma determinada sociedade, cujas personagens principais são fictícias, e não históricas. As personalidades históricas, quando aparecem, são apenas citadas ou integram a contextualização da narrativa. Assim, compreende-se que a

matéria desse gênero narrativo é o passado histórico, validado por meio de recursos como datas, eventos marcantes e figuras históricas.

Após a publicação de *Ivanhoe*, de Scott, em 1819, o gênero alastrou-se pela Europa e chegou à América, tornando-se instrumento no processo de construção da identidade nacional durante o Romantismo. Isso aconteceu porque a utilização da História servia, nesse período, como forma de recuperar o passado heróico nacional e, assim, colaborar para a fundação da identidade de nação.

No entanto, os novos tempos trazem novas formas de narrar, “já não se dialoga com a história como verdade, mas como cultura, como tradição” (MARTINEZ apud ESTEVES, 1998, p. 127). Assim, o romance histórico no século XX começa a procurar novas perspectivas e, nas últimas décadas, a crítica literária tem se ocupado de um novo tipo de romance histórico: o chamado novo romance histórico ou metaficção historiográfica, sendo que essa última nomenclatura, de Linda Hutcheon, é a que será utilizada no presente trabalho.

Um dos traços desse novo tipo de romance histórico é que a (re)interpretação da História acontece com liberdade, já que a narrativa não é baseada em documentos oficiais, mas em memórias individuais ou coletivas, com o intuito de (re)escrever, por meio de um novo olhar, a realidade vivida e contada por alguns. Acontece, então, uma releitura crítica da História. A Literatura, agora, objetiva suprimir as lacunas da “historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, dando voz a tudo aquilo que foi negado, silenciado ou perseguido pela história” (ESTEVES, 1995, p.29).

Outro aspecto importante desse novo romance histórico é que, nele, pode acontecer uma superposição de tempos históricos diversos, porque sobre o tempo do romance – presente histórico da narração – incidem os demais. Além disso, é fundamental frisar que a distorção da História é feita conscientemente, mediante omissões, anacronismos, exageros e paródias.

Em seu livro *Poética do Pós-Modernismo: História, teoria e ficção* (1991), Linda Hutcheon afirma que no pós-modernismo a atividade

cultural , por meio das artes, contesta o sistema capitalista, à procura de novas formas de conhecimento, já que “ele não pretende operar fora desse sistema, pois sabe que não pode fazê-lo; [...] ele não é apolítico [...], ele questiona como e por quê, e o faz investigando [...] a política da produção e da recepção da arte” (HUTCHEON, 1991, p.281).

Além disso, no pós-modernismo, o passado é visto por intermédio do contexto atual, ou seja, as narrativas ficcionais pós-modernas lêem o passado criticamente. São essas novas leituras dos momentos passados que Hutcheon chama de *Metaficção Historiográfica*. Ou seja,

[...]com esse termo [metaficção historiográfica], refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos [...] (HUTCHEON, 1991, p.21).

Para a autora, essa nova modalidade narrativa, dentro do gênero romanesco, corresponde a uma outra maneira de escrever o romance histórico. A metaficção historiográfica não aceita os romances sob as convenções impostas, sendo que ela as desafia e as contradiz. Tais desafios e contradições, segundo Hutcheon (1991, p. 22), “definem o pós-modernismo”. Segundo a autora,

[...]a metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade. (HUTCHEON, 1991, p. 127)

Nesse sentido, Hutcheon esclarece que a narrativa histórica na ficção deve olhar, por meio de um ângulo crítico, os problemas da sociedade e enxergar o que os escritos oficiais não mostram. Além disso,

ela ainda ressalta que é necessário fazer uma avaliação dos fatos históricos passados, segundo os métodos atuais de escrever narrativas, dentre os quais se destaca a ironia. Percebe-se, então, o quão distante o romance histórico contemporâneo está do romance histórico scottiano. Segundo Rejane Cristina Rocha,

[...]a preocupação do escritor inglês [Walter Scott] com a autenticidade da história fazia com que ele submetesse o caráter e a compleição psíquica de seus personagens aos ditames da história. O personagem construía-se em prol de uma interpretação da história tomada *a priori* e seus atos e características eram formulados para confirmar tal interpretação. Na contemporaneidade, desapareceu essa interpretação *a priori* e, agora, a história é que parece dobrar-se para favorecer a constituição do personagem. O fato histórico perde, assim, sua aura mítica, de grande feito, quando é relacionado com as motivações absolutamente humanas, portanto particulares, individuais, do homem comum (ROCHA, 2006, p. 58).

A metaficção historiográfica propõe uma releitura da História, embasada na desconfiança quanto à objetividade e à neutralidade do discurso historiográfico. Sendo assim, ela não valida o passado, como acontecia no romance histórico paradigmático. Ao contrário, ela questiona o passado, problematizando os fatos históricos. De acordo com Hutcheon, a metaficção historiográfica procura (re)apresentar o passado (e não apenas representá-lo), por meio da ficcionalização paródica, irônica e, por vezes, satírica das personalidades e dos acontecimentos históricos. Assim, possibilita um envolvimento entre o leitor e a História que está sendo (re)escrita, podendo conscientizá-lo acerca das realidades, das várias verdades da política e da História.

Com base nesses apontamentos, pode-se identificar o romance *Jangada de Pedra*, de José Saramago, como uma metaficção historiográfica, pois a narrativa trata, de forma irônica, de um dos acontecimentos mais marcantes da História de Portugal e da Espanha: o momento conhecido como “As Grandes Navegações”.

O romance *A Jangada de Pedra* se sustenta em uma relação bipolar que implica um jogo entre o real e o irreal e é a partir dessa relação, por intermédio do trabalho com a linguagem, que o escritor português constrói a sua ficção. A narrativa toda se dá em função do espaço que, desde o título, insinua-se insólito. A história gira em torno da Península Ibérica, a qual, misteriosamente, desloca-se do restante da Europa e começa a flutuar no oceano, como uma “jangada de pedra”, instalando uma nova ordem no enredo.

Os cinco protagonistas, devido à ruptura da península, saem em uma jornada à procura de novos espaços e, dessa forma, buscam também suas próprias identidades. No início da narrativa as personagens são apresentadas isoladas umas das outras, sendo que com a modificação do espaço, ocasionada pelo deslocamento da península, faz com que elas, por acaso, se encontrem. Como as pessoas vivem um momento de viagem para conhecer um mundo reduzido a dois países – Portugal e Espanha –, os valores sociais e individuais também se alteram. Assim, não só o enredo toma novos rumos, como também os próprios protagonistas se transformam, até que, no final da narrativa, cada um segue buscando seu destino.

Tanto as modificações no enredo quanto as transformações das personagens estão relacionadas à metáfora da “jangada”. O fato de a península separar-se da Europa é o aspecto central da narrativa, cujos espaços, geográfico e social, interferem na própria caracterização da identidade das personagens. É exatamente por viajarem em uma “jangada”, sem rumo, que as personagens tomam decisões, alteram a direção de suas vidas e sofrem modificações internas e externas. Além disso, o fato de Portugal e Espanha separarem-se do continente mostra nitidamente a interferência do espaço nas relações de poder, pois apresenta de que forma o restante da Europa lida com esta situação.

Dessa forma, a partir de seu deslocamento da Europa, a península se estrutura como uma grande metáfora, fazendo referência às grandes navegações. Como se sabe, durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos

oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com o objetivo de encontrar novas terras. Este período ficou conhecido como a “Era das Grandes Navegações e Descobrimientos Marítimos”.

Na obra em questão, a península se desloca da Europa e flutua como se fosse uma enorme embarcação que transfere os indivíduos de um espaço a outro. E a referência ao acontecimento histórico das grandes navegações fica ainda mais nítida no final da narrativa, uma vez que a “a jangada de pedra” flutua em direção a um ponto no sul, entre a África e a América Latina – espaço aonde vários colonizadores chegaram nos séculos XV e XVI.

Eles estão a descer entre a África e a América Latina, senhor presidente, Sim, o rumo pode trazer benefícios, mas também pode agravar as indisciplinas da região, e talvez por causa desta lembrança irritante, o presidente deu um soco na mesa. (SARAMAGO, 2008, p. 283)

Nesse trecho, o presidente dos Estados Unidos se enfurece ao perceber o rumo que a jangada estava tomando, rumo este que faz referência clara ao ponto de chegada dos colonizadores portugueses e espanhóis na época das grandes navegações. Como Saramago faz uso do fato histórico para compor sua narrativa, tem-se aí uma ligação entre Literatura e História. Ao inserir em seu texto um acontecimento registrado pela história, o escritor faz uma crítica à atual situação da Península Ibérica que, para muitos outros países europeus, sempre esteve à margem, não só geográfica, mas também política, uma vez que os demais países a viam como um local povoado por “incompreensíveis povos ocidentais” (SARAMAGO, 2008, p. 139). A questão que se coloca está ligada ao sentimento de distância, de não pertencimento da Península ao restante da Europa:

Os países da Europa, onde felizmente se tem verificado um certo abaixamento de tom na linguagem quando se referem a Portugal e Espanha, depois da séria crise de identidade com que se debateram quando milhões de europeus resolveram declarar-se ibéricos, acolheram com simpatia o apelo e já mandaram saber como é que

queremos ser auxiliados, ainda que, como de costume, tudo dependa de poderem as nossas necessidades ser satisfeitas pelas disponibilidades excedentárias deles. (SARAMAGO, 2008, p. 185)

Nesse fragmento, percebe-se que Saramago faz uso de uma expressão irônica com o intuito de deixar claro o modo como a península tem sido vista, como um lugar salvo por meio de “disponibilidades excedentárias” de outras nações. Assim, ao se deslocar do restante da Europa, a península segue em direção a um outro espaço, onde exista relações mais fortes de identidade: o sul do Atlântico.

No romance de Saramago, a relação entre ficção e História não é feita da forma tradicional, como validação dos fatos passados. Muito pelo contrário, o escritor utiliza os acontecimentos registrados pela historiografia a fim de questioná-los, problematizando-os e suscitando reflexões a respeito da atual situação social, política e econômica dos países ibéricos.

Ao inserir um fato incomum – a península se deslocar do continente – para fazer referência a um acontecimento histórico, Saramago instaura um processo de revisitação do passado, a partir de um novo olhar a respeito de tal acontecimento. Dessa forma, o romancista possibilita que um dos acontecimentos mais significativos da História de Portugal e Espanha seja rediscutido. O escritor problematiza a representação do fato histórico para mostrar os efeitos que até hoje são vividos na península a partir disto. Assim, o romancista consegue ir além do discurso limitado e objetivo de textos históricos, fazendo os leitores não só rememorarem o passado, como também refletirem acerca dele e das atuais condições da Península Ibérica. Por conseguinte, percebe-se que, ao utilizar procedimentos da metaficção historiográfica, Saramago instiga um olhar crítico, não só para a Literatura e para a História, como também para a realidade do leitor.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ESTEVES, A. R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, L. Z. (Org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p.123-158.
- ESTEVES, A. R. *Lope de Aguirre: da história para a literatura*. 1995. 220 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- FIGUEIREDO, V. F. de. Da alegria e da angústia de diluir fronteiras: o romance histórico, hoje, na América Latina. In.: CONGRESSO ABRALIC, 5., 1996, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Abralic, 1997.
- FREITAS, M. T. de. Romance e história. In: *Uniletras*, Ponta Grossa, n. 11, p. 109-18, 1989.
- GOBBI, M. V. Z. *Relações entre Ficção e História: uma breve revisão teórica*. Itinerários, n. 22, p.36-57, 2004.
- HEGEL, G. *Estética*. Lisboa: Guimarães, 1964.
- HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo. História, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LUKÁCS, G. *La novela historica*. México: Ediciones Era, 1966.
- ROCHA, R. C. Romance histórico. Novo romance histórico. Metaficção historiográfica. In: *Da utopia ao ceticismo: a sátira na literatura brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado em Estudos Literários).

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Araraquara, 2007. p.52 -62.

SANTOS, D. A. *O continente: um romance histórico tradicional ou um novo romance histórico?* Akrópolis Umuarama, v. 17, n. 3, p. 123-129, jul./set. 2009.

SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.